

A 148 dias da eleição *Presidencial*

Ricardo A. Setti

Prosseguindo na marcha arrastada da transição democrática, mais lenta do mundo — bem contados os anos, vai-se verificar, quem sabe, que ela terá durado mais tempo do que a ditadura propriamente dita —, acabamos de vencer a barreira dos cinco meses para a eleição presidencial. Faltam, hoje, exatos 148 dias para a grande data. É um bom pretexto para se repassar o panorama das principais candidaturas, até porque não é prudente perfilar junto aos apressados que se mostram certos de que as coisas já estão decididas.

Fernando Collor de Mello: habilmente, o ex-governador de Alagoas resolveu dar uma pausa européia em sua campanha. A manobra tem duas vantagens: a respeitabilidade que adquire ao ser recebido por grandes líderes de países civilizados e o tempo precioso que poupa em exposição à controvérsia. Está aí um grande problema de Collor: o bombardeio de acusações e cobranças que está sofrendo de todo os lados, e a forma que vai escolher para reagir. A fuga permanente ao debate com outros concorrentes pode lhe custar pontos preciosos.

Problema maior, porém, é a qualidade política de boa parte de quem está aderindo à sua candidatura: a lista recentemente publicada pelo JORNAL DO BRASIL com o perfil dos congressistas que já *colloriram* é terrível para quem quer basear sua imagem na dissociação de "tudo isso que aí está". Da relação consta um *leão magote* de ex-adeptos ferrenhos da ditadura militar, adversários de reformas elementares na estrutura fundiária do país, puxa-sacos empedernidos de governo do presidente José Sarney agora travestidos de oposicionistas e outros espécimes do baixo extrato da política pátria. De todo modo, sobagem grossa ficar alardeando que quem lidera no começo da campanha no Brasil, como ora ocorre com Collor, não vence a eleição. Uma penca de cientistas políticos de diferentes ideologias ouvidos também pelo JB ajudou a derrubar o mito de que exista tal regra no país. Os



exemplos de políticos que lideraram desde o começo as prévias e depois efetivamente se elegeram são incontáveis, do então senador Franco Montoro na campanha para governador de São Paulo em 1982 aos hoje prefeitos Said Xerfan, de Belém, e Joaquim Francisco, do Recife, na campanha municipal de 1988.

Leonel Brizola: anda nervoso com a queda nas pesquisas. Também amarga o insucesso das tentativas de atrair o balcão de negócios chamado PTB para uma fusão com seu PDT que lhe ampliaria o espaço no horário gratuito da televisão e também as bases municipais em uma boa dúzia de estados. Sua estratégia de engordar a presença na mídia depois de sua temporada européia — que coincide quase país por país com a de Collor — é correta, porque o ex-governador sabidamente é um craque diante das câmaras. Corre, é verdade, o risco da super exposição, já que, afinal de contas, é candidato à Presidência da República desde que voltou do exílio, em 1979. Mas os fracos números de outras candidaturas de esquerda poderão levar a uma polarização de boa fatia do eleitorado em torno de seu nome. E tão arriscado dizer, hoje, que Collor já ganhou como desprezar as chances de Brizola.

Ulysses Guimarães: o velho leão de fôlegos incontáveis faz o que pode, e até agora tem feito bem. Sua estratégia é, claramente, primeiro costurar por dentro um PMDB em frangalhos, e só depois ir à luta propriamente dita. Os números da última pesquisa Gallup revelados pela revista *Istoé/Señhor* deram alento ao comando da campanha, ao mostrar o PMDB de novo como o partido de preferência do eleitorado, com 19% de indicações, contra apenas 12% de um PT que bateu nos 25,2% em dezembro passado. Quer dizer, o desafio do doutor Ulysses, antes de mais nada, é tentar chegar o mais próximo possível, como candidato, ao tamanho que seu partido tem. E a cada dia que passa mais gente do PMDB, de governadores a quadros municipais, percebe que o seu destino político imediato corre risco de afundar junto com um fracasso de Ulysses. Gente de peso como o governador paulista Orestes Quêrcia começa, mesmo, a fazer movimentos ousados — por exemplo, mandar recados amistosos a rivais de porte no estado como o senador Mário Covas, o candidato do PSDB, com vistas a alguma composição.

Luis Inácio Lula da Silva: atarantado, seu partido percebe e reconhece que está perdendo eleitores potenciais não para Brizola, mas para Collor. Ninguém no PT sabe explicar isso, embora as greves em serviços essenciais fomentadas pela CUT, irmã sindical do PT, e a pobreza no desempenho até agora dos prefeitos petistas eleitos em novembro passado possam ajudar. O partido continua mostrando uma irrefreável tendência para o *harakiri* eleitoral: no episódio da escolha do vice, passa um mês discutindo qual dos sem-votos dos partidos coligados ao PT pode ser o escolhido, enquanto esquece nomes de seus próprios quadros com inegável apelo e competência, como o ex-candidato a prefeito do Rio em 1988, Jorge Bittar.

Mário Covas: a habilíssima costura feita pelo doutor Ulysses na convenção do PMDB, em abril, bateu no plexo solar dos tucanos. Ulysses, ao se acertar com o então governador baiano Waldir Pires, segurou no PMDB uma boa parcela de sua esquerda que ameaçava debandar para a candidatura Covas. Pelo menos cinco governadores estacaram a meio caminho de *tucanar*. Abatidos, os tucanos apostam no talento do candidato na televisão para melhorar os índices. Covas, por ora, repele qualquer aproximação com o PMDB.

Aureliano Chaves: as sucessivas puxadas de tapete que sofre da ala do PFL que lhe é hostil deve fazê-lo repensar até onde levar uma candidatura pesada, e que recebe diariamente cargas adicionais de chumbo. Boa parte dos quadros do PFL estão *collorindo* ou *brizolando*. A escolha do senador Itamar Franco como vice na chapa de Collor e a recente adesão ao ex-governador de Alagoas da vice-governadora Júnia Marise fincam uma estaca firme no último reduto com que Aureliano contava para pôr-se em marcha — seu próprio estado, Minas Gerais.

Paulo Maluf: tem eleitorado cativo não negligenciável no maior colégio eleitoral do país, São Paulo, e mantém lealdades em todo o país. Mas não está na campanha presidencial a sério: seu verdadeiro objetivo, recentemente admitido a empresários amigos, é manter-se em evidência para tentar voltar ao governo paulista no ano que vem.